EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SURUÁ: MEMÓRIAS DE ESTUDANTES CAMPESINOS

Ionara Montalvão Gomes
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil
montalvaogomesionara@gmail.com

Dulina Dalva Pereira de Oliveira
Secretaria Municipal de Educação de Guanambi, Bahia, Brasil
oliveiradulina@hotmail.com

Marcos Gomes Pereira
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil
marcospedagogia@hotmail.com

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO, TRABALHO E AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO POPULAR; EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O TRABALHO DE EDUCAR EM E COM MOVIMENTOS SOCIAIS

Queridos leitores,

A todos e todas que se interessam pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto da Educação do Campo especialmente aos que acreditam que a escola deve ser um espaço vivo de troca de experiências, de construção de saberes e de valorização da memória, dirijo-lhes com carinho e compromisso. Esta carta pedagógica nasce da vivência compartilhada com os estudantes da EJA da comunidade do Suruá, onde cada história contada, seja oral, escrita, por meio de documentos, fotos e objetos se convertem em lição para a vida.

Escrever sobre memórias é, ao mesmo tempo, resgatar e recriar significados que permanecem vivos no presente da comunidade Suruá, localizada no município de Guanambi-

Bahia, com cerca de 500 famílias e 1.500 habitantes, uma área em que convive pessoas do campo. A escola atende 31 estudantes da EJA em processo de alfabetização, em uma sala da Associação Comunitária dos produtores rurais da comunidade do Suruá, sendo essa uma extensão da escola urbana municipal Emília Mila de Castro,

A Educação de Jovens e Adultos, historicamente, tem sido marcada por uma série de negações e desafios que impedem a plena realização do direito à educação. Di Pierro (2009) argumenta que a negação desse direito se manifesta em múltiplas dimensões, indo além da simples falta de acesso. Ela destaca a fragilidade das políticas educacionais, a baixa qualidade dos cursos oferecidos, a falta de financiamento adequado e a ausência de um currículo que contemple as necessidades, saberes e realidades dos estudantes. A autora enfatiza que, apesar de a Constituição Federal garantir a educação como direito de todos, na prática, os sujeitos da EJA continuam à margem do sistema educacional.

O projeto Memórias, pensado e desenvolvido com os estudantes a partir das seguintes etapas: planejamento das ações: estudo sobre a temática memórias, diagnóstico com os estudantes, o que sabiam? o que desejavam aprender? Sensibilização**: c**onversa inicial sobre memória, lembranças, tradições, músicas, brincadeiras, modos de vida no campo; pesquisa e coleta de memórias: entrevistas, levantamento de objetos, fotos, cartas, utensílios, brinquedos ou instrumentos de trabalho entre outros registro com diferentes linguagens (escrita, gravação em áudio, fotografia, desenhos); produto final: Organização e exposição dos materiais em diferentes formatos (relatos escritos, desenhos/ painel fotográfico com imagens antigas, objetos que relembram histórias do campo por meio dos tempos).

Este evento cultural caracterizou-se como um ato de formação, um processo de leitura de mundo em que cada objeto concebia uma lembrança, mas também um convite à reflexão. A exposição aconteceu de modo planejado e sua culminância realizada em dois dias. No primeiro dia, recebemos duas turmas da EJA da Escola Emília Mila de Castro, (turmas da cidade) acompanhadas pelos gestores escolares, pela coordenadora municipal da Educação do Campo e pela coordenadora municipal da EJA do município. Um dos momentos mais emocionantes

ocorreu quando o estudante Luíz recitou uma poesia de agradecimento, relatando a felicidade de ter sido convidado para prestigiar o evento. Encerramos está noite com um forró.

No segundo dia, a exposição foi aberta aos moradores da comunidade, que visitaram e reconheceram suas próprias histórias, seus objetos e suas lembranças valorizados dentro do espaço escolar sendo motivo de alegria, fortalecendo o sentimento de pertencimento e de reconhecimento cultural. Finalizamos com o reisado local, onde todos presentes, entraram na roda, dançaram, cantaram músicas folclóricas e jogaram versos.

Percebe-se que a escola como espaço de memória e identidade, vai além do simples processo de alfabetização. Ela é, sobretudo, um espaço de reencontro com a dignidade, de reconstrução de identidades e de participação ativa no mundo. A experiência vivida por meio da exposição de memórias, revelou justamente isso: a escola como um lugar que articula passado, presente e futuro, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo, troca de experiências e saberes outros.

A exposição se tornou um ato pedagógico, onde cada objeto(s) exposto(s) narrava uma história.

Quadro 1-

As ferramentas de trabalho falavam da relação intensa com a terra, das colheitas, das dificuldades e do orgulho de viver do próprio esforço, rememoravam a luta diária pela sobrevivência na roça.	
As vestimentas antigas evocavam festas, celebrações religiosas, casamentos e momentos que marcaram gerações, encontros e costumes.	

Os utensílios de cozinha lembravam a fartura dos tempos e ecoavam o sabor da partilha comunitária, das refeições em família; e o sabor dos alimentos preparados com simplicidade e afeto.	
Os documentos permitiram resgatar a história das famílias, e manter vivas as lembranças de quem já partiu, e a história da comunidade.	
As fotografias são janelas para o passado: guardam histórias, sentimentos e identidades. Elas ajudam a reviver lembranças e a valorizar a trajetória de cada pessoa da comunidade, dando visibilidade às raízes que formam quem somos hoje.	
Os símbolos de fé revelavam a dimensão espiritual, que sempre sustentou a esperança de tantos diante das dificuldades e guiou os caminhos da comunidade.	
As raízes e sementes medicinais expostas representaram a sabedoria dos antepassados, que usavam as plantas para curar doenças. Esses saberes populares continuam vivos, na comunidade do Suruá.	

Fonte, elaborada pelos autores (2025).

Segundo (Brandão, 2007), a educação popular nasce da vida e retorna a ela, no movimento permanente de leitura e releitura do mundo. É nesse sentido que a exposição se

constituiu como um ato pedagógico: a comunidade leu-se a si mesma, reinterpretou sua história e reafirmou seus valores.

Outro aspecto fundamental foi perceber como os casais da comunidade enxergam a escola. Muitos encontram nela não apenas a possibilidade de aprendizagem formal, mas também de convivência social e de distração no cotidiano marcado pela dureza do trabalho no campo. Nesse movimento, ficou evidente o que Freire (1996) aponta: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

As turmas da EJA no contexto da Educação do Campo devem construir seus currículos à partir dos diversos saberes que os sujeitos trazem na sua bagagem cultural, nesse percurso a exposição criou possibilidades para que cada sujeito fosse autor de sua narrativa, trazendo ao espaço escolar aquilo que sabia e que desejava compartilhar.

A memória, segundo (FREIRE, 1987) “A história da educação popular é a história da resistência dos oprimidos, que se educam na luta para não serem esmagados.”. Resistência ao apagamento cultural, à invisibilidade das comunidades rurais e à ideia equivocada de que apenas o conhecimento científico tem valor. Ao resgatar e valorizar sua própria história, os/as estudantes campesinos/as moradores do Suruá reafirmaram sua identidade e mostraram que aprender é também recordar.

Esse diálogo intergeracional construído por meio das memórias, contribui para a formação crítica, pois permite que cada pessoa compreenda que a história não é apenas algo distante, mas está presente nos objetos, nas lembranças e nas experiências de vida. Para Freire (1987), o diálogo não é apenas uma habilidade, mas uma forma de ser e estar no mundo. É a maneira como professores/as e estudantes se encontram e, juntos constroem conhecimento capaz de transformar a realidade.

A escola, assim, torna-se mediadora desse diálogo, transformando memórias em aprendizagens significativas. Esta experiência evidência que a Educação de Jovens e Adultos pode (e deve) ir além da sala de aula tradicional, precisa ser viva, dialogar com a cultura local e valorizar a história de vida dos seus sujeitos. Assim, ao abrir espaço para que a comunidade

revisite suas lembranças, a escola fortalece vínculos, constrói identidade coletiva e promove aprendizagens que ultrapassam. fronteiras.

Concluo esta carta pedagógica almejando que a experiência do Suruá inspire outras comunidades e professores/as a perceberem que a educação, quando vinculada à vida real, torna-se libertadora. Com esperança e gratidão, reafirmo meu compromisso de seguir construindo, junto à comunidade do Suruá uma educação para e com os sujeitos, que respeite, valorize e dê sentido às memórias de cada estudante.

Atenciosamente,

Ionara, Dulina Dalva e Marcos

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; memória; identidade; cultura.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DI PIERRO, Maria Clara. **O direito à educação de jovens e adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 29, n. 78, p. 28-40, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia***:* Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.